

## Biodiesel de arroz

O óleo do farelo de arroz pode ser uma alternativa para a produção do biodiesel. Enquanto a atual produção e as pesquisas com biodiesel utilizam girassol, mamona, palma, babaçu, soja, amendoim e pinhão-mansão, a Faculdade de Química da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) aposta na produção de biodiesel a partir do óleo do farelo de arroz e conta com o apoio financeiro da Associação dos Arrozeiros de Uruguaiana. Os produtores dessa cidade estão interessados em novas possibilidades para o uso desse subproduto do arroz. O projeto iniciado

em agosto de 2005 é coordenado pela professora Jeane Dullius com a participação da mestrandia Tatiana Magalhães da Silva e da aluna de graduação Cleidi Perciuncula. O trabalho delas recebeu o 1º lugar na categoria Química Industrial do Prêmio da Associação Brasileira de Química deste ano. Combustível derivado de fontes renováveis, o biodiesel ganha importância pela substituição total ou parcial do óleo diesel de petróleo em motores de caminhões, tratores, automóveis, entre outros. •

Valor energético para subproduto do arroz



MIGUEL BOYAN

## Linha de Produção Brasil

### Parceria para revestimento

A multinacional de origem francesa Saint-Gobain assinou um convênio com a Universidade Estadual Paulista (Unesp) para desenvolvimento de revestimento polimérico à base de óleos vegetais para recobrir vidros de janelas e policarbonatos, um ligante polimérico para proteção de superfícies. O revestimento serve como proteção contra a corrosão provocada por produtos químicos. “Nos testes realizados o revestimento produzido com óleos vegetais demonstrou ser durável e resistente”, diz o professor Younès Messadeq, coordenador do Laboratório de Materiais Fotônicos do Instituto de Química da Unesp de Araraquara. A principal van-



LAURABEATRIZ

tagem desse material em relação a revestimentos similares encontrados no mercado é o preço, bem mais baixo por conta da matéria-prima utilizada. O convênio é o primeiro trabalho de cooperação da empresa com pesquisadores brasileiros, que vai investir R\$ 165 mil na pesquisa. •

### Vendas feitas pelo celular

Um sistema para envio de pedidos de venda via telefone celular, chamado de Pwap e desenvolvido pela empresa True Systems, do Rio de Janeiro, foi um dos ganhadores do Wireless Emerging Technologies

Awards na feira de tecnologia sem fio CTIA Wireless 2006, realizada em Las Vegas, nos Estados Unidos. Os vendedores podem passar os pedidos para as empresas por meio de qualquer dispositivo móvel que possua conexão com a internet. Além do telefone celular, pode ser utilizado com computadores portáteis e comuns. “O vendedor manda o pedido *online* pelo telefone, diretamente da base de dados do cliente”, diz Luiz Sergio Oehler, diretor da empresa. Uma das três empresas brasileiras que adotaram o Pwap é a AlfaParf, fabricante de produtos para cabeleireiros, que tem uma equipe de vendas própria com 80 pessoas. As bases de dados das empresas, como cadastros de clientes, produtos, condições comerciais e pedidos, po-

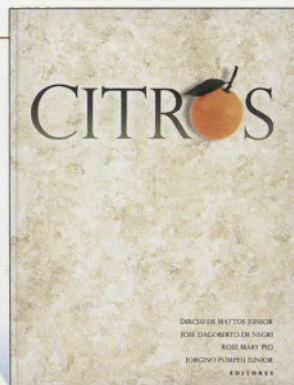
dem ser acessadas *on-line* pelo sistema. A comercialização do Pwap é feita por assinatura, com pagamento mensal, proporcional ao número de usuários. “Pretendemos agora exportar o produto para a América Latina”, diz Oehler. •

## ■ Televisão avançada

A Universidade Estadual Paulista (Unesp) está na era da TV digital. Concedido pelo Ministério das Comunicações, o canal vai transmitir do *campus* de Bauru, sede do Centro de Rádio e Televisão Cultural e Educativa da Unesp, com objetivo de difundir conteúdo educacional, abrangendo desde a pré-escola até o ensino superior, além de servir para a formação de mão-de-obra especializada. A emissora será



Lançamentos tratam de gestão e agricultura



## ■ Citricultura em detalhes

Uma obra de fôlego com 929 páginas e o curtíssimo título *Citros* reúne informações minuciosas sobre a citricultura brasileira, que movimentava cerca de US\$ 3,2 bilhões por ano. Organizado em seis áreas temáticas (história, genética, produção, fitossanidade, resíduos e pesquisa e desenvolvimento) divididas em 31 capítulos, o livro tem como objetivo levar a todos os envolvidos nesse ramo o que há de mais novo em conhecimento e tecnologia. Para essa tarefa contou com 82 especialistas. A coordenação, organização e edição do livro ficaram a cargo do Centro Apita Citros Sylvio Moreira, do Instituto Agrônomo (IAC), em Cordeirópolis, interior de São Paulo. •

## ■ Sistemas de informação

As aplicações e tendências dos sistemas e tecnologias de informação aplicados à gestão em organizações são a temática do livro *Por que Gesiti?*, organizado pelo professor Antonio José Balloni, do Centro de Pesquisas Renato Archer (Cenpra), unidade do Ministério da Ciência e Tecnologia instalada em Campinas (SP). Dividido

em sete capítulos, o livro inicia com um panorama geral do tema proposto: “Por que Gestão dos Sistemas e Tecnologias de Informação (Gesiti)?”. Os capítulos restantes tratam de assuntos como tendências globais nas transações comerciais feitas por meio eletrônico, aproveitamento da tecnologia de informação para melhorar o desempenho da cadeia de suprimentos e das áreas de transporte e logística. •



LAURA BEATRIZ

implantada em um ano e meio ao custo de R\$ 22 milhões. Ela também deverá incorporar algumas das tecnologias, como *softwares* e sistemas de interação, desenvolvidas pelo consórcio de pesquisadores brasileiros para o Sistema Brasileiro de TV Digital (veja Pesquisa FAPESP nº 120). •

## Perda menor na colheita da cana

Um novo sistema de corte de cana-de-açúcar para a colheita mecanizada, desenvolvido no Instituto Agrônomo (IAC) de Campinas, no interior de São Paulo, conseguiu reduzir as perdas da matéria-prima no campo. “O sistema é composto de lâminas serrilhadas, acopladas de forma inclinada aos discos de corte de base utilizados nas máquinas usadas para colher a cana”, diz o pesquisador Roberto da Cunha Mello, do Centro de Engenharia Agrícola do IAC, responsável pela inovação. As colhedoras existentes no mercado trabalham com sistema de corte de base por impacto. Essas máquinas cortam abaixo da superfície do solo, aumentando o des-



ROBERTO DA CUNHA MELLO

Lâmina serrilhada não toca o solo

gaste das lâminas. O processo também causa perdas e danos às raízes e, com isso, uma rebrota menos vigorosa. O novo sistema utiliza o corte por deslizamento com lâminas, evitando assim o contato do instrumento com o solo. O resultado é a diminuição nas perdas de cana e

nos danos às raízes, o que favorece a rebrota e reduz o desgaste das lâminas. A moldagem dos instrumentos foi feita em parceria com a empresa Duraface, que licenciou a patente da invenção do IAC. A previsão é de que até abril do ano que vem o produto esteja no mercado. •